

O legado alumni em múltiplos tempos: memória, identidade e pertencimento em contextos multiculturais e multigeracionais

Alumni legacy in multiple times: memory, identity and belonging in
multicultural and multigenerational contexts

Alexandra Cassiana dos Santos Cruz¹

Gerson Leite de Moraes²

Resumo

Este artigo investiga a complexidade do conceito de legado *alumni* em instituições de ensino contemporâneas, marcadas pela diversidade multicultural e multigeracional. Argumenta-se que visões tradicionais de legado são insuficientes para abarcar a pluralidade de experiências. Utilizando perspectivas teóricas sobre tempo, memória, espaço e práticas cotidianas — fundamentadas em Charles Baudelaire, Homi K. Bhabha e Michel de Certeau — o ensaio analisa como essas categorias moldam o pertencimento e a identidade *alumni*. Explora-se como os egressos, a partir de suas trajetórias singulares, navegam, reinterpretam e reinventam o legado institucional, transformando o "lugar" oferecido em múltiplos "espaços" vividos. Conclui-se que o legado *alumni* é um processo dinâmico, híbrido e em constante reconstrução, tecido pelas táticas e percursos dos indivíduos. Sugere-se que as instituições devem valorizar essa multiplicidade de tempos, memórias e identidades para promover um pertencimento genuíno e inclusivo.

Palavras-chave: Legado *Alumni*. Memória. Tempo. Multiculturalism. Multigeracionalidade.

¹ Designer e mestranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Analista de Marketing Senior na área de Marketing do Instituto Presbiteriano Mackenzie, com atuação em comunicação institucional e projetos de design. alexandra.cruz@mackenzista.com.br - <http://lattes.cnpq.br/5050811305793210>

² Pós-doutor em História e doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. gerson.moraes@mackenzie.br - <https://lattes.cnpq.br/5010089030033594>

Abstract

This article investigates the complexity of the concept of alumni legacy in contemporary educational institutions, characterized by multicultural and multigenerational diversity. It argues that traditional views of legacy are insufficient to encompass the plurality of experiences. Drawing on theoretical perspectives on time, memory, space, and everyday practices — grounded in Charles Baudelaire, Homi K. Bhabha, and Michel de Certeau — the essay analyzes how these categories shape alumni belonging and identity. It explores how graduates, through their singular trajectories, navigate, reinterpret, and reinvent institutional legacy, transforming the "place" offered by the institution into multiple lived "spaces." The study concludes that alumni legacy is a dynamic, hybrid, and constantly reconstructed process, woven through the tactics and pathways of individuals. It suggests that institutions must value this multiplicity of times, memories, and identities to foster genuine and inclusive belonging.

Keywords: Alumni Legacy. Memory. Time. Multiculturalism. Multigenerationality.

Introdução

O conceito de "legado *alumni*" — termo de origem latina que designa os antigos alunos ou egressos de uma instituição — evoca, tradicionalmente, a continuidade de uma universidade mediante as contribuições e o prestígio de seus antigos alunos. Contudo, em um cenário contemporâneo marcado por uma crescente diversidade cultural e pela coexistência de múltiplas gerações dentro da comunidade acadêmica, essa noção de legado torna-se mais complexa e multifacetada. Neste estudo, o legado não é compreendido como uma herança estática ou um patrimônio unificado, mas como um processo dinâmico e híbrido, construído na intersecção entre a memória institucional e as trajetórias singulares dos sujeitos. Não se trata apenas de um patrimônio unificado ou de uma trajetória linear, mas de um mosaico de saberes, memórias e valores que refletem a heterogeneidade da própria instituição. Analisar como esse legado é construído, percebido e compartilhado exige, portanto, atenção às dimensões do tempo e da memória, categorias fundamentais para o sentimento de pertencimento e para a construção da identidade individual e coletiva.

Para aprofundar essa complexidade, o artigo mobiliza a perspectiva de Charles Baudelaire (1821-1867), em diálogo com outras abordagens que serão

introduzidas posteriormente. Embora suas obras não tratem diretamente do fenômeno *alumni*, suas reflexões sobre a percepção do tempo fugaz, a memória fragmentada e o espaço vivido oferecem ferramentas conceituais valiosas para compreender as dinâmicas envolvidas na construção do legado de antigos alunos em contextos multiculturais e multigeracionais. O objetivo deste ensaio é investigar como as concepções de tempo e memória desses autores ajudam a compreender as nuances do legado *alumni* para além de visões monolíticas. Busca-se examinar de que modo a diversidade cultural e a diferença geracional impactam a formação de memórias institucionais, como diferentes temporalidades coexistem na narrativa do legado e como o espaço físico e simbólico da instituição atua na mediação dessas relações, influenciando o pertencimento e a identidade dos *alumni* em um mundo em constante transformação.

Diversidade Cultural e Temporal

O legado deixado por gerações de estudantes que passaram por uma instituição de ensino transcende as contribuições financeiras ou das trajetórias profissionais de destaque. Ele se constitui, fundamentalmente, como um capital simbólico, um conjunto de memórias compartilhadas e disputadas, valores reafirmados ou questionados e narrativas que conectam os antigos alunos não apenas à sua *alma mater* (tradicionalmente concebida como uma figura nutridora e formadora) mas também entre si, formando uma comunidade estendida no tempo e no espaço. No entanto, a ideia de uma comunidade homogênea ou de um legado unívoco torna-se cada vez mais insustentável em instituições que refletem a pluralidade do mundo contemporâneo.

A dimensão multicultural acrescenta uma camada decisiva de complexidade. Estudantes e egressos de diferentes origens culturais trazem tradições, visões de mundo, formas de se relacionar com o conhecimento e com a própria instituição. Suas experiências e memórias do período formativo podem divergir significativamente, levando a diferentes interpretações sobre quais valores e narrativas constituem o verdadeiro legado institucional. Nesse contexto, perguntas

como “como a instituição acolhe e integra essa diversidade?” e de que modo o pertencimento se forma ou se fragmenta entre os egressos?” tornam-se centrais para compreensão do tema. Essas questões remetem diretamente aos desafios de governabilidade e convivência em sociedades plurais, como apontado por teóricos como Stuart Hall (2013, p. 57) ao distinguir o “multicultural” (descritivo) do “multiculturalismo” (normativo):

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo da sua identidade “original”. Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas gerados pelas sociedades multiculturais.

Paralelamente, a dimensão multigeracional evidencia outra camada de leitura temporal. Diferentes gerações de *alumni* carregam memórias marcadas por contextos históricos, sociais e institucionais diversos. A experiência universitária dos anos 1960, por exemplo, difere radicalmente daquela dos anos 2000 ou 2020, seja pelas tecnologias disponíveis, pelas pedagogias adotadas, pelos desafios sociais ou pela própria transformação do *campus*. A coexistência dessas temporalidades desafia uma visão linear e progressiva do legado, sugerindo, em vez disso, uma sobreposição de camadas de memória.

Para compreender essa complexidade cultural e temporal, é necessário analisar como o tempo e memória operam na construção e percepção do legado *alumni*. É nesse ponto que as perspectivas de Baudelaire, Bhabha e Certeau podem oferecer *insights* valiosos.

A Memória Fragmentada

A perspectiva de Charles Baudelaire, forjada na observação da metrópole moderna, oferece uma lente intrigante para pensar o legado *alumni*, especialmente

em instituições grandes, urbanas ou marcadas por um fluxo constante de pessoas e ideias. Se a modernidade, para Baudelaire (1995, p. 831) é definida pelo **transitório** e pelo **fugaz**, a própria experiência acadêmica também pode ser vivida por muitos *alumni* intensamente, porém efêmeros: aulas marcantes, encontros imprevistos, projetos concluídos, ciclos que se encerram. Essa percepção temporal pode levar a uma memória institucional igualmente **fragmentada**, composta mais por flashes e impressões sensoriais do que uma narrativa contínua.

Quanto maior é a participação do fator do choque em cada uma das impressões, tanto mais constante deve ser a presença do consciente no interesse em proteger contra os estímulos; quanto maior for o êxito com que ele operar, tanto menos essas impressões serão incorporadas à experiência, e tanto mais corresponderão ao conceito de vivência.

Podemos pensar a instituição, sob a ótica baudelairiana, como uma espécie de "metrópole" simbólica. Nela, convivem estudantes, professores e funcionários de diversas origens (culturais, sociais, geracionais), muitas vezes em certo anonimato. Nesse ambiente, a construção de um legado unificado torna-se um desafio, porque as memórias individuais, moldadas por experiências particulares e por filtros culturais distintos, nem sempre convergem para uma memória coletiva singular.

Nesse cenário, é possível imaginar a figura do "***alumni-flâneur***": o antigo aluno que retorna à instituição ou a observa à distância, não mais como participante ativo, mas como um observador das suas transformações, coletando fragmentos de memória, percebendo as mudanças nas "paisagens" físicas e sociais do *campus*, talvez com uma ponta de melancolia pela perda do tempo vivido. Este *alumni*-observador, como o *flâneur* que "faz botânica no asfalto" (Benjamin, 1994 - p. 34), pode ter dificuldade em se conectar a um "legado" oficial ou unificado, sentindo-se mais próximo das suas próprias memórias dispersas ou das narrativas de seu grupo específico (cultural ou geracional). A busca baudelairiana por "tirar o eterno do transitório" (Baudelaire, 1995, p. 24 - se traduziria, aqui, na complexa tarefa de construir um sentimento de pertencimento e um legado duradouro a partir de

experiências institucionais percebidas como efêmeras e vividas em meio a uma diversidade que desafia a homogeneidade.

Hibridismo e Terceiro Espaço

A perspectiva pós-colonial de Homi K. Bhabha oferece uma lente para analisar as articulações culturais presentes no legado *alumni* em instituições marcadas pela diversidade multicultural e multigeracional. Seus conceitos de hibridismo, terceiro espaço e tradução cultural nos permitem ir além das divisões simplistas e compreender como as identidades e o pertencimento são negociados e reconstruídos nesse contexto.

Para Bhabha (1998), o hibridismo não é uma simples mistura de culturas, mas a emergência de um “terceiro espaço” de enunciação produzido pela interação cultural. É um espaço ambivalente e, muitas vezes, conflituoso, onde as identidades não são fixas ou puras, mas estão em constante processo de negociação e tradução. No contexto *alumni*, o hibridismo se manifesta na própria composição da comunidade: antigos alunos de diferentes origens culturais, étnicas, sociais e geracionais coexistem, trazendo consigo múltiplas referências, memórias e expectativas em relação à instituição. A trajetória de cada egresso é, em si, um percurso híbrido, marcado pelo encontro entre sua bagagem cultural prévia e a cultura institucional.

Desse encontro não resulta assimilação completa, mas na criação de um “**terceiro espaço**” que transforma em um processo contínuo. Esse espaço não pertence inteiramente à cultura de origem do egresso nem à instituição em sua forma idealizada, ele se constitui como um campo intermediário, no qual novas formas de identidade e pertencimento podem surgir. É nesse espaço que as narrativas oficiais da instituição são confrontadas, reinterpretadas e hibridizadas pelas experiências e memórias diversas dos antigos alunos.

A complementaridade da linguagem como comunicação deve ser compreendida como algo que emerge de um estado constante de contestação e fluxo causado pelos sistemas diferenciais de significação social e cultural. Esse processo de complementaridade como suplemento agonístico é a semente do "intraduzível" - O elemento estrangeiro em meio a performance da tradução cultural.

A experiência do *alumni*, vista por Bhabha, é marcada por essa dinâmica de fronteira. O pertencimento não é dado, mas construído na tensão entre diferentes referenciais. Para egressos de grupos minoritários ou de gerações cujas experiências diferem significativamente do presente institucional, o “terceiro espaço” pode ser um local de resistência e agência, onde memórias e identidade podem ser afirmadas e o próprio legado pode ser redefinido.

Compreender o legado *alumni* sob a ótica de Bhabha implica reconhecer e valorizar essa dinâmica híbrida. Significa abandonar a busca por uma identidade *alumni* unificada e homogênea e, em vez disso, criar condições para que o “terceiro espaço” floresça como um local de diálogo, negociação e mútua transformação. A instituição que acolhe seu hibridismo inerente está mais apta a construir um pertencimento genuíno, que respeita as múltiplas trajetórias e permite que o legado seja um processo vivo e relevante para todos os seus membros.

A intervenção do Terceiro Espaço da enunciação, que torna a estrutura de significação e referência um processo ambivalente, destrói esse espelho da representação em que o conhecimento cultural e em geral revelado como um código integrado, aberto, em expansão. Tal intervenção vai desafiar de forma bem adequada nossa noção de identidade histórica da cultura como força homogeneizante, unificadora, autenticada pelo passado originário mantido vivo na tradição nacional do povo

Táticas e Espaço *Alumni*

Complementarmente à perspectiva de Bhabha sobre o hibridismo, a análise de Michel de Certeau sobre as “artes de fazer” no cotidiano oferece ferramentas valiosas para compreender como os antigos alunos, enquanto “usuários” da instituição e de seu legado, ativamente o moldam e o tornam habitável em suas práticas.

Certeau (1994) distingue entre estratégias e táticas. As estratégias pertencem às instituições e aos detentores de poder, operam por meio de um “lugar” próprio (o *campus*, as regras formais, as narrativas oficiais do legado) e visam impor uma ordem, controlar o espaço e produzir discursos e produtos homogêneos. Nesse sentido, a instituição, ao definir seu legado, opera estrategicamente, buscando perpetuar uma imagem e um conjunto de valores específicos.

As táticas, por sua vez, são as “artes do fraco”: modos de navegação, uso e subversão mobilizados por indivíduos e grupos que não dispõem de um lugar próprio de poder. No caso dos antigos alunos, isso aparece quando reinterpretam as narrativas oficiais à luz de suas próprias experiências, criam redes informais que escapam às estruturas formais da associação de egressos, ressignificam espaços físicos do *campus* em suas memórias e encontros, contam histórias que desafiam ou complementam a versão institucional.

Certeau (1998 p. 97) também diferencia **lugar** (o espaço geométrico, ordenado e controlado pela estratégia) de **espaço** (o lugar praticado, vivido, animado pelas trajetórias e ações dos indivíduos). A instituição oferece um “lugar” *alumni* (eventos formais, publicações, estruturas físicas), mas são as táticas dos antigos alunos que transformam esse lugar em múltiplos “espaços”, carregados de significados pessoais, afetivos e, por vezes, contestatórios. A trajetória de cada antigo aluno, ao cruzar e interagir com o lugar institucional, produz um espaço singular. Em contextos multiculturais e multigeracionais, essa produção de espaço se multiplica: diferentes grupos “inventam” o seu espaço *alumni* dentro do mesmo lugar, por meio de práticas específicas, memórias compartilhadas e redes de

sociabilidade. “Traçam ‘trajetórias indeterminadas’, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam.”

Analisar o legado *alumni* pela ótica de Certeau significa, portanto, deslocar o foco da produção institucional (a estratégia) para as práticas dos usuários (as táticas). O legado não é apenas o que a instituição define, mas também o que os antigos alunos fazem com ele no seu cotidiano. É uma invenção contínua, tecida pelas astúcias, desvios e apropriações dos praticantes. Reconhecer essa dimensão tática é fundamental para compreender a vitalidade, a diversidade e, por vezes, a resistência silenciosa que caracterizam a relação do *alumni* com sua *alma mater* e a memória institucional.

Dentro dessa dinâmica entre lugar e espaço, o conceito de trajetória em Certeau (1998) ganha especial relevância para pensar o legado *alumni*. A trajetória não se limita a um deslocamento físico, mas uma narrativa em movimento, um “espaço de enunciação” que se constrói ao caminhar. Para Certeau, caminhar na cidade é um ato de fala, uma forma de se apropriar do texto urbano imposto pelo planejamento (a estratégia). Da mesma forma, a trajetória do *alumni*, seu percurso profissional, pessoal, suas idas e vindas em relação à instituição, suas interações na rede, pode ser vista como uma forma de “caminhar” pelo legado, de enunciar sua própria relação com ele.

Cada trajetória *alumni* é singular e inscreve no “lugar” institucional (o passado comum, os símbolos, as estruturas) um “espaço” particular. Essas trajetórias nem sempre seguem os caminhos previstos pela estratégia institucional, como carreiras de sucesso esperado, engajamento formal na associação, doações. Elas podem ser desviantes, intermitentes, críticas. Ao percorrerem seus próprios caminhos, os egressos produzem narrativas alternativas sobre o que significa ser parte daquela comunidade e qual o sentido daquele legado para suas vidas. São essas trajetórias praticadas que dão vida e pluralidade ao legado.

O “caminho” do *alumni*, portanto, não é um destino pré-fixado, mas uma invenção contínua, uma série de táticas empregadas para navegar as estruturas e

oportunidades (ou a falta delas) oferecidas pela instituição e pelo mundo. Em contextos multiculturais e multigeracionais, essas trajetórias se diversificam exponencialmente, criando uma rede complexa de espaços *alumni* que coexistem, se sobrepõem ou entram em conflito. Reconhecer o legado *alumni* como o resultado dessas múltiplas trajetórias significa valorizar não apenas os pontos de chegada, mas os próprios percursos, com suas hesitações, desvios e reinvenções. É entender que o pertencimento não se dá apenas pela adesão a um modelo, mas pela possibilidade de cada um traçar seu próprio caminho a partir da experiência institucional, transformando-a em espaço próprio.

Reflexões Finais

A aplicação das perspectivas de Baudelaire, Homi Bhabha e Michel de Certeau ao fenômeno do legado *alumni* em contextos multiculturais e multigeracionais revela, acima de tudo, que este legado está longe de ser uma entidade fixa, monolítica ou meramente histórica. Pelo contrário, ele emerge como um **processo dinâmico, contestado e em constante reconstrução**, reconstituído na intersecção pelas subjetividades do tempo, da memória, das identidades híbridas e das práticas cotidianas.

Baudelaire evidencia a **fragmentação** própria da experiência moderna, sugerindo que o legado, especialmente em instituições complexas, pode ser percebido menos como uma narrativa contínua e mais como uma coleção de instantes e choques memoriais. Bhabha, com seu conceito de **hibridismo** e **terceiro espaço**, ilumina como as identidades *alumni* são negociadas nas fronteiras culturais e como o pertencimento emerge dessa interação ambivalente, gerando novas formas de ser e estar na comunidade. Certeau, por sua vez, destaca as **táticas** dos *alumni*, mostrando como eles, em suas “artes de fazer” cotidianas, se apropriam, subvertem e transformam o “lugar” institucional em múltiplos “espaços” vividos, reinventando o legado a partir de suas próprias trajetórias.

Compreender o legado *alumni* sob essas lentes implica reconhecer os desafios inerentes à gestão e nutrição de uma comunidade tão diversa. Como conciliar as memórias fragmentadas (Baudelaire) com a necessidade de uma identidade institucional minimamente compartilhada? Como criar espaços para a negociação híbrida de identidades (Bhabha) sem apagar as diferenças? Como reconhecer e valorizar as táticas cotidianas dos *alumni* (Certeau) sem que elas sejam vistas apenas como desvios da norma institucional?

Não há respostas fáceis, mas a análise sugere que é fundamental criar espaços e práticas institucionais que **valorizem explicitamente a multiplicidade de tempos, memórias, identidades e práticas**. Isso pode envolver desde iniciativas de história oral que capturem narrativas diversas e híbridas, até a criação de arquivos acessíveis e representativos das múltiplas trajetórias, passando por eventos que promovam o diálogo intergeracional e intercultural, e pela própria forma como a instituição narra seu passado, não como uma história única, mas como um conjunto polifônico de experiências, e projeta seu futuro, reconhecendo a agência e as contribuições táticas de seus antigos alunos.

Conclusão

Em suma, a análise do legado *alumni* multicultural e multigeracional sob as óticas de tempo, memória, espaço e práticas cotidianas propostas por Charles Baudelaire, Homi Bhabha e Michel de Certeau amplia a compreensão desse fenômeno complexo. Essas abordagens permitem ver o legado como um campo dinâmico de experiências temporais subjetivas (Baudelaire), negociações identitárias híbridas em “terceiros espaços” (Bhabha), e invenções táticas do espaço vivido (Certeau).

Reconhecer a fragmentação baudelairiana, o hibridismo bhabhiano e as táticas certeunianas não diminui a importância do legado, mas o humaniza e o torna mais próximo das realidades vividas pelas diversas comunidades *alumni*. Quando a instituição considera seriamente as dimensões temporal, memorial, espacial e

prática, as instituições podem desenvolver estratégias mais eficazes e sensíveis para promover um sentimento de pertencimento genuíno, inclusivo e duradouro, celebrando a riqueza que reside na própria multiplicidade de sua história, de seus membros e das formas como estes habitam e reinventam o espaço institucional.

Referências Bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. *O Pintor da Vida Moderna*. (Originalmente publicado em 1863).

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. (Edições brasileiras incluem 1989, 1994).

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. (Originalmente *The Location of Culture*, 1994; Edições brasileiras incluem 1998, 2003, 2013).

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. (Originalmente *L'invention du quotidien. Vol. 1, Arts de faire*, 1980; Edições brasileiras incluem 1994, 2014).

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. (Edição brasileira de 2003).